

REFLEXÕES SOBRE O RACISMO ESTRUTURAL NO DOCUMENTÁRIO “A CARNE MAIS BARATA DO MERCADO É A CARNE NEGRA”

Jeferson Souza dos Santos¹

Resumo: As reflexões apresentadas neste artigo são resultados provocações produzidas pelas leituras e reflexões durante as aulas em disciplinas que abordaram questões étnicorraciais e práticas pedagógicas antirracistas, no currículo do curso de Licenciatura em História, que me permitiram a partir de observações, perceber cotidianamente a força do racismo estrutural. O racismo, infelizmente é recorrente na sociedade brasileira, e está ligado à uma ideia discriminatória entre os seres humanos baseada nas diferenças estéticas corporais, a exemplo do fenótipo, manifestando o sentimento de superioridade ou inferioridade de determinados grupos em detrimento de outros estabelecendo uma visão de hierarquia. A produção do vídeo documentário “A carne mais barata do Mercado é a carne Negra” foi um importante processo de reflexão sobre como o racismo atravessa a instituição universitária, através de percepções dos estudantes negros e negras sobre diversos temas como lutar pelo reconhecimento da beleza diversa, desnaturalização de atitudes preconceituosas, trabalhar a questão da representatividade e autoestima, expondo situações reais para que sirva de reflexão e aprendizado para aqueles que tiverem acesso ao Documentário. Exponho essas reflexões neste artigo que compõem meu trabalho de conclusão de curso, que tem como principal objetivo refletir sobre a como o racismo estrutural desde os seus principais fundamentos e conceitos, e a importância para a sociedade, para tanto, dialogo com autores/autoras que têm pesquisado sobre esta temática.

Palavras chave: Racismo estrutural, Sociedade, Discriminação; Racismo; Estigmas

Introdução

O objetivo deste trabalho é analisar o racismo estrutural existente em nossa sociedade, para isso é preciso perceber a herança histórica de racismo como elemento presente na sociedade brasileira, debater sobre o racismo nos ajuda a entender como o mesmo foi construído em cima da estigmatização das diferenças culturais ao longo do tempo em nossa sociedade.

¹ Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) em formato de artigo, apresentado como requisito parcial de nota para obtenção do título de graduação em Licenciatura no Curso de História pela Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Campus de Nova Andradina (UFMS/CPNA). Sob orientação da Professora Dra. Rejane Aparecida Rodrigues Candado. Nova Andradina, maio de 2023.

Analisarei as leis Nº 7.716, DE 5 DE JANEIRO DE 1989 E LEI Nº 9.459 DE 13/05/1997, que nos auxiliará a entender a diferença entre racismo estrutural e injúria racial.

A partir dos relatos reais de acadêmicos e suas experiências pessoais, poderemos desenvolver um debate acerca da questão racial possibilitando entender a sociedade brasileira historicamente constituída, assim como, as consequências nas condições de vida e compreender as diversas formas de manifestações do racismo estrutural que assola a população negra.

Para início de conversa, descrevo a letra da canção da cantora Elza Soares - A carne no qual nos leva a refletir sobre a violência do racismo abordado no decorrer desse trabalho de conclusão de curso.

A carne mais barata do mercado
É a carne negra
(Tá ligado que não é fácil, né, mano?)
Se liga aí
A carne mais barata do mercado é a carne negra
A carne mais barata do mercado é a carne negra
A carne mais barata do mercado é a carne negra
A carne mais barata do mercado é a carne negra
(Só-só cego não vê)
Que vai de graça pro presídio
E para debaixo do plástico
E vai de graça pro subemprego
E pros hospitais psiquiátricos
A carne mais barata do mercado é a carne negra
(Dizem por aí)
A carne mais barata do mercado é a carne negra
A carne mais barata do mercado é a carne negra
A carne mais barata do mercado é a carne negra
Que fez e faz história
Segurando esse país no braço, meu irmão
O cabra que não se sente revoltado
Porque o revólver já está engatilhado

E o vingador eleito
Mas muito bem intencionado
E esse país vai deixando todo mundo preto
E o cabelo esticado
Mas mesmo assim ainda guarda o direito
De algum antepassado da cor
Brigar sutilmente por respeito
Brigar bravamente por respeito
Brigar por justiça e por respeito (pode acreditar)
De algum antepassado da cor
Brigar, brigar, brigar, brigar, brigar
Se liga aí
A carne mais barata do mercado é a carne negra
(Na cara dura, só cego que não vê)
A carne mais barata do mercado é a carne negra
A carne mais barata do mercado é a carne negra
(Na cara dura, só cego que não vê)
A carne mais barata do mercado é a carne negra
(Tá, tá ligado que não é fácil, né, né mano?)
Negra, negra
Carne negra
É mano, pode acreditar
A carne negra

A Carne é uma canção de Moro no Brasil, álbum de estreia do grupo Farofa Carioca, a canção foi composta por Marcelo Yuka, Seu Jorge e Ulisses Cappelletti, no entanto foi regravada pela cantora brasileira Elza Soares em seu álbum Do Cócix até o Pescoço. Ela abordou Seu Jorge em um show no Sesc pedindo permissão para regravar a música ao seu estilo, e recebeu a bênção do autor, sendo a mesma lançada no dia 22 de abril de 2002.

O motivo de ter escolhido essa música como guia foi justamente pela crítica social por trás da mesma, uma canção em forma de protesto, demonstrando a dívida que o Brasil tem com os negros assim como a música sugere, falta respeito e justiça também reconhecendo as lutas desse povo para a construção do Brasil pois foram eles que seguraram o país nos braços, versa sobre o racismo praticado contra a população

afro-brasileira, considerada como “a carne mais barata do mercado” abordando a temática do racismo e da estrutura social brasileira, expressando de maneira crítica de que o negro é menos importante diante da sociedade.

Percebe-se que o racismo estrutural é algo cotidiano na sociedade sendo este colocado em pequenas conversas casuais ou até mesmo no âmbito de trabalho, escola, nas instituições, entre outros ambientes.

Para pensar e sistematizar os conhecimentos em construção sobre História e Cultura AfroBrasileira, no curso de História, fomos provocados pela professora Dra. Fernanda Reis, a elaborar um documentário de relatos a partir dos estudantes negros e negras e não negros e não negras, suas percepções reais em relação ao racismo estrutural, documentário esse intitulado como “a carne mais barata no mercado negro”.

Racismo

Segundo a Lei 7.716/89, conhecida como Lei do Racismo, pune todo tipo de discriminação ou preconceito, seja de origem, raça, sexo, cor, idade. Em seu artigo 3º, a lei prevê como conduta ilícita o ato de impedir ou dificultar que alguém tenha acesso a cargo público ou seja promovido, tendo como motivação o preconceito ou discriminação. Por exemplo, não deixar que uma pessoa assuma determinado cargo por conta de raça ou gênero. A pena prevista é de 2 a 5 anos de reclusão.

Todavia, tudo colocado em papel é prático, mas a realidade vivenciada pelas minorias é algo cotidiano e apesar de toda lei estabelecida e creditada na sociedade, a humanidade em si que deverá estar sujeita a mudança.

Segundo Almeida (2018), o racismo compõe a própria estrutura social, ou seja, na constituição histórica da sociedade brasileira, foi “normalizada”, nas relações políticas, econômicas, jurídicas e até familiares, não sendo uma patologia social e nem um desarranjo institucional, o racismo é estrutural.

o racismo se expressa concretamente como desigualdade política, econômica e jurídica. porém o uso do termo estrutura não significa dizer que o racismo seja uma condição incontornável e que ações e políticas institucionais antirracistas sejam inúteis; ou, ainda, que indivíduos que cometam atos discriminatórios não devam ser pessoalmente responsabilizados. dizer isso seria negar os aspectos social e histórico e político do racismo. o que queremos enfatizar do ponto de vista teórico é que o racismo, como processo histórico e político, cria as condições sociais para que, direta ou indiretamente, grupos racialmente identificados sejam discriminados de forma

sistemática. ainda que os indivíduos que cometam atos racistas sejam responsabilizados, o olhar estrutural sobre as relações raciais nos leva a concluir que a responsabilização jurídica não é suficiente para que a sociedade deixe de ser uma máquina produtora de desigualdade racial. (ALMEIDA, 2018, pg. 39.)

O que o autor enfatiza é que por mais que medidas legais sejam feitas nada poderá modificar os indivíduos racista, pois o mesmo faz parte de um sistema ativo que lhe permite tornar possíveis suas ações, não contribuindo assim para o entendimento do problema dificultando ainda mais o combate contra o racismo, para o autor a mudança da sociedade não se faz apenas com denúncias vazias ou repúdio moral do racismo tudo depende da tomada de postura e da adoção de prática anti racistas de cada indivíduo.

Portanto a pergunta que eu faço é o que me difere do outro? O que o outro tem de tão diferente que passa a me incomodar? A pessoa nasce racista ou aprende com o tempo? São estas perguntas que mediaram este artigo e no decorrer respondê-las.

Segundo Zubaran et all. (2016) utilizam em seu artigo contribuições teóricas de Stuart Hall sobre o negro no Brasil.

A cultura é um conceito central nas teorizações de Stuart Hall, servindo não apenas como fundamento epistemológico para suas discussões teóricas, mas também como um conceito metodológico nas análises que realiza de diferentes fenômenos e artefatos culturais [...] Hall afirmou que a cultura possui duas dimensões: uma substantiva, a partir da qual atua na estruturação empírica da “realidade” em que vivemos; uma epistemológica, a partir da qual ela exerce um importante papel na constituição e na transformação das compreensões e explicações que integram os modelos conceituais com os quais representamos o mundo. Em outros termos, para Hall,²⁰ a cultura abarca todos os fenômenos da vida social e também nossos modelos cognitivos. (ZUBARAN ET. ALL, 2016, p. 13)

Partindo da compreensão de cultura de Hall, percebe-se que as teorizações do autor não fogem da realidade vivenciada cotidianamente na sociedade atual, onde o mesmo afirma que tudo está em torno da estruturação empírica e epistemológica exerce um papel fundamental para o entendimento e compreensão do que me é ofertado dentro da sociedade contemporânea, ou seja, baseio-me de acordo com as informações oferecidas a mim e dependendo do que me é oferecido analiso, se isso me servirá de modelo e embasamento dos meus ideais independentemente de como essa informação é condicionada a mim, seja por redes sociais, círculos de amizades, mídias televisivas entre outras fontes.

Segundo Yamanaka apud Almeida (2021).

Não é possível compreender o racismo sem pensar seu funcionamento a partir das estruturas estatais, pois é por meio do Estado que se opera com a classificação e divisão de pessoas. A ideologia nacionalista, por sua vez, apresentasse como funcional à tentativa de reconstruir uma identidade comum numa tentativa de apagar os conflitos entre os diferentes grupos/classes e as contradições do sistema capitalista, o qual, ao longo do tempo, sofisticou suas estratégias e técnicas de reprodução. Como exemplo disso, o autor aponta os limites da representatividade em instituições majoritariamente compostas por pessoas brancas; o exercício disciplinar e regulamentador da vida ou de sua suspensão; e a reprodução de um sistema burocrático mortífero, que se diz exceção, mas que estabelece como política o aniquilamento da população negra brasileira. (YAMANAKA apud ALMEIDA, 2021, p.187-188)

Todavia, os questionamentos e teorias levantados pelos autores nos permite entender que toda forma de representação validadas no Estado capitalista são referenciadas por ideais da cultura branca, eurocêntrica, regulamenta todo o pensamento de uma sociedade estabelecendo ideais estereotipados acerca do outro.

Ou seja, são sempre produzidos dentro de contextos sociais específicos e marcados pelas disputas de poder onde um tenta exercer poder sobre o outro, deixando evidente ou explícito sua maneira de agir e pensar, pois diferentes grupos sociais têm ideias diversificadas em torno de um sistema conceitual próprio.

Diferença entre racismo estrutural e injúria racial

Para que possamos abordar sobre a temática precisamos entender a diferença entre o crime de injúria racial e o de racismo.

O crime de injúria racial está inserido no capítulo dos crimes contra a honra, previsto no parágrafo 3º do artigo 140 do Código Penal, que prevê uma forma qualificada para o crime de injúria, na qual a pena é maior e não se confunde com o crime de racismo, previsto na Lei 7716/1989. Para sua caracterização é necessário que haja ofensa à dignidade de alguém, com base em elementos referentes à sua raça, cor, etnia, religião, idade ou deficiência. Nesta hipótese, a pena pode ir de 1 a 3 anos de reclusão.

No entanto, a Lei nº 9.459/13 acrescentou à referida lei os termos etnia, religião e procedência nacional, ampliando a proteção para vários tipos de intolerância. Como o intuito dessa norma é preservar os objetivos fundamentais descritos na Constituição Federal, de promoção do bem estar de todos, sem preconceitos de origem,

raça, sexo, cor, idade e quaisquer outras formas de discriminação, as penas previstas são mais severas e podem chegar até a 5 anos de reclusão.

O que diferencia os crimes é o direcionamento da conduta, enquanto que na injúria racial a ofensa é direcionada a um indivíduo específico, no crime de racismo, a ofensa é contra uma coletividade, por exemplo, abrange a etnia como um todo, não há especificação do ofendido, no entanto em alguns casos de racismo explícito usa-se a injúria como forma de amenizar a pena do acusado.

RACISMO ESTRUTURAL

Segundo Almeida (2002) existe três concepções de racismo;

Quando abordamos temas como racismo nos condiciona a questionar de diversas formas, principalmente sobre a constante batalha que se é enfrentada em meio "invisibilização" não só da população negra onde para ser reconhecido diante da sociedade necessitamos constantemente “desfazer” ou “reparar” as marcas profundas deixadas pela escravidão e das atitudes racistas da sociedade desde o início da colonização, tendo que a todo momento colocar-se a prova diariamente para provar a capacidade que temos em relação ao outro, batalha essa constante em busca de igualdade e principalmente de equidade, assim como, é afirmado na lei somos todos iguais e sem distinção, mas Independente das circunstâncias o Brasil jamais conseguirá pagar sua dívida histórica com a população negra, a partir do momento que a escravidão foi abolida em 1888 nasceu-se a discriminação. Precisamos lutar todos os dias contra o racismo e pela igualdade de oportunidade. a estrutura do racismo impede a ascensão das pessoas negras em diversos campos sejam eles acadêmico, trabalhista, político e econômico.



o racismo esta enraizado desde muito antes e foi se fortificando ao longo da história, um exemplo vivido disso foi o da colonização onde os negros passaram a ser escravidos e os indígenas sendo forçadamente convertidos, dando-se a confirmação de que o negro não poderia nem mesmo que forçadamente ser convertido, pois o mesmo não era digno pois o pecado ja estaria em sua pele, as igrejas da época participaram

das agressões contra os povos africano lucrando com a exploração do mesmo.

Para exemplificar, é possível ver diariamente notícias de racismo principalmente de figuras públicas como o jogador de futebol Vini Jr. E o descaso dos envolvidos em relação a isso. Segundo a matéria da CNN Brasil.

O talentoso jogador de 22 anos – amplamente considerado um dos melhores jogadores do mundo – tem seis gols em sete partidas na Europa e outros oito na La Liga, mas também se tornou uma vítima repetida de “crimes de ódio” na Espanha, segundo o sindicato de jogadores.

Antes do clássico contra o Atlético de Madrid em janeiro de 2023, um boneco com a camisa de Vinícius foi pendurado em uma ponte em Madri, enquanto insultos racistas

Esportes

RACISMO

Torcedor joga banana em campo durante jogo da Champions na Rússia

É o segundo episódio em menos de dois meses em Rostov do Don, que é uma das sedes da Copa do Mundo de 2018



Moussa Doucoure, do Rostov e Jero Willem, do PSV. M. EMSTEN (REUTERS)

foram filmados durante as partidas do Real contra Osasuna, Mallorca, Real Valladolid e Atlético.

E como esquecer deste caso aqui?

Segundo o site de notícias, um torcedor, ainda não identificado, jogou na quarta-feira uma banana durante a partida entre o Rostov, da Rússia, e o PSV Eindhoven, da Holanda. O clube russo já havia sofrido uma punição em 9 de setembro e aguarda nova sanção. Rostov do Don, a cidade da equipe, será uma das sedes na Copa do Mundo da Rússia 2018.

Mas o caso que mais me chocou atualmente foi o da professora que recebeu um “presente” de um aluno sendo este momento gravado e exposto nas redes midiáticas.

Segundo a notícia, um estudante do ensino médio de uma escola em Ceilândia, no Distrito Federal, deu uma esponja de aço para uma professora negra no Dia Internacional da Mulher.

A entrega do item foi registrada por colegas de sala e viralizou nas redes sociais, com internautas apontando o teor



racista do “presente”. Infelizmente notícias como estas estão cada vez mais frequentes sendo até mesmo assustador em como o racismo está em toda parte.

Alguns dados levantados pelo Poder 306 nos mostram através de gráficos de como o racismo é algo ainda absurdamente constante na sociedade.

Atualmente, de acordo com dados de maio de 2020 compilados pelo IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística), 9,4% da população se autodeclara preta e 46,8% se diz parda. Os brancos somam 42,7% da população.

Segundo Freire (2020) apud Florestan Fernandes (1920-1995) nos anos 1960: “O

brasileiro não evita, mas tem vergonha de ter preconceito”. No entanto, a admissão do racismo por parte de 34% da população indica o aumento do reconhecimento do problema social presente no país.

Sendo assim apesar de muitos terem conhecimento a respeito de como violar o direito em relação ao outro é errado, mas permanece insistindo no erro e isso me faz lembrar da famosa frase dita por muitos “No Brasil, não existe racismo”, existe sim, e os dados não só comprovam como nos deixa perplexo com tamanho descaso.



A Produção do Documentário

A ideia inicial do documentário era que fosse feito 100% nas dependências da UFMS, mas por uma questão de logística e agenda, nós optamos por gravar dentro e fora da universidade, foram cerca de 4 dias de entrevistas, usamos um espaço em uma loja na alameda, de uma das acadêmicas do curso de história e utilizamos uma sala de aula do próprio curso de história. Inicialmente foram convidados acadêmicos de outros cursos sendo esses acadêmicos os que se consideravam e identificavam como negros(a) de cursos diversos da Universidade, mas por uma questão de proximidade os que aceitaram eram exclusivamente do curso de história, Todos eram de regiões e cidades diferentes também.

Quanto a parte técnica da produção deste documentário, O roteiro ficou a cargo da professora Fernanda Reis na qual direcionava as falas dos alunos através de perguntas que não se limitava somente a respeito de racismo, mas também sobre o lugar que eles ocupavam dentro da universidade, como conseguiram chegar aonde chegaram e como eles se viam representados dentro da mesma, em meio a professores e alunos.

Todas as cenas foram gravadas por mim com o auxílio de 2 câmeras com dois tipos de enquadramento uma delas posicionada em plano médio (“Medium Shot”) - a câmera está a uma distância média do objeto a ser filmado, de modo que ele ocupa uma parte considerável do ambiente, mas ainda tem espaço à sua volta, podendo-se ver o posicionamento e Movimentação dos acadêmicos, e a segunda posicionada em plano fechado (“close-up”) – onde a câmera fica posicionada próxima do objeto filmado de modo que ele ocupa quase todo o cenário, sem deixar grandes espaços à sua volta, podendo-se ter a visão de Intimidade e Expressão dos mesmos, o que me possibilitou durante a edição foi poder “viajar entre uma fala e outra” me fazendo refletir e receber diferentes respostas e perspectiva para a mesma pergunta que foram direcionadas a todos os estudantes. A captação de áudio ficou sob a responsabilidade de Willian Gomes, também acadêmico do curso,. A edição levou cerca de 10 dias, e seguiu o padrão “não linear” que é onde as falas se complementam e não necessariamente segue uma ordem nas perguntas e respostas apresentadas no documentário.

Foi o Estopim para que eu pudéssemos desenvolver o documentário sobre essa questão do racismo na nossa sociedade, trabalho este feito conjuntamente com a professora do Curso Fernanda Reis pela Universidade Federal de Mato Grosso Do Sul – UFMS Campus de Nova Andradina, onde juntamente com os demais acadêmicos podemos realizar este documentário com relatos reais e de pessoas reais relatando suas experiências enquanto pessoas negras.

A História por trás do documentário elaborado começou por uma ideia levantada em sala pela Professora da turma na faculdade, onde estávamos pensando o que poderíamos fazer em relação ao racismo no dia da consciência negra e como o mesmo está presente cotidianamente na sociedade. A formação cultural do Brasil se caracteriza mesclagem das etnias e diversidade de fisionomias trazendo consigo uma multiplicidade de visões sobre a miscigenação como um todo e o objetivo do documentário era principalmente de desmistificar contextos e desinformação em relação ao preconceito ainda presentes no dia a dia.

Para preencher o vazio da desinformação e corrigir a distorção de valores precisaríamos de pessoas que relatassem suas histórias conosco os acadêmicos juntamente com a professora abriu uma possibilidade de se debater amplamente sobre o assunto, permitindo melhor compreensão dos conceitos, para que os futuros profissionais em História possam contribuir com políticas pedagógicas antirracistas.

Para o desenvolvimento do documentário, foram selecionados alguns acadêmicos da faculdade que se propuseram a participar no qual relataram de acordo com as questões elaboradas pela professora. As questões versavam sobre as suas histórias, em relação ao racismo que sofreram no decorrer de suas vidas, objetivando que os participantes e o público tomassem consciência de que o racismo é algo frequente, mas que infelizmente passa despercebido por nós, permitindo o espectador a compreender a cidadania enquanto participação social e política, a posicionar-se de modo crítico e construtivo diante de diversificadas situações e conhecer características sociais, materiais e culturais do país, podendo assim, identificar e valorizar a pluralidade cultural e posicionar-se contra a discriminação racial e cultural dentro da sociedade na qual vivemos.

Uma fala que me chamou a atenção no desenvolvimento do documentário é a fala de alguns alunos que participaram do projeto, me chamou a atenção devido ao mesmo não se achar capaz de estar onde está “Eu não me via dentro da universidade, até porque era uma Utopia para mim” (Edilei Dias de Oliveira) sendo a idade e a falta de opções ofertadas um empecilho, o sentimento de que não fazia parte daquele ambiente.

Segundo uma outra acadêmica Wislaine Rodrigues da Costa

“A universidade é importante demais para um pobre e periférico e negro, porque talvez seja a única forma dele conseguir alcançar outros objetivos da vida que não seja ficar na invisibilidade sendo a certeza de que a gente vai ter um espaço para lutar e ser visto” (2018).

O relato da acadêmica acima mencionado no qual refere-se ao “pobre, negro e periférico” a mesma se refere-se a coletividade, ou seja, os negros dia a dia enfrentam as dificuldades em suas vidas, pois sabemos que em uma sociedade o negro não tem direito de escolha no sentido de ou só trabalhar ou só estudar, a regra que se aplica é que os menos favorecidos precisam complementar a sua renda familiar, porque a maioria da população é de baixa renda, estuda em escola pública, e se não fosse as cotas não disputariam as vagas nas universidades de forma igual com o resto da população, pois

enquanto o negro trabalha e tenta ao mesmo tempo conseguir o seu espaço na sociedade o outro lado vai subindo gradativamente.

Outro depoimento relatado no documentário que fez uma visão ainda mais abrangente sobre o tema aqui trabalhado foi o da acadêmica Karla Nariane Oliveira Diniz, onde a mesma trabalhava e estudava, reafirmando a linha de pensamento aqui abordada

“Na situação atual que eu tô, eu como mãe eu não creio que eu teria a mesma oportunidade que eu tive agora tendo que pagar um curso, porque como é que eu ia sustentar o meu filho né, tendo que pagar tantos os materiais escolares dele e as minhas coisas, apostilas e entre outras coisas, eu acho que sem a Universidade Pública e sem as bolsas que elas nos dão, nos permite e auxilia nessa caminhada é de extrema importância” (2018)

Ou seja, na realidade abordada por ela, não conseguiria ingressar em uma Universidade caso a mesma fosse paga, pois teria que trabalhar para pagar os estudos e o sustento seu e do filho, o que nos leva a refletir sobre linha tênue que infelizmente existe, onde a realidade da outra classe seria sua formação paga por seus pais, o que não se aplica a realidade não só dos acadêmicos que participaram deste documentário, mas de toda população negra onde a mesma para conseguir algo melhor terá que se sacrificar em dobro e muitos abandonam esses sonhos devido a sobrecarga.

Portanto muito se acredita no velho mito da meritocracia, argumentação esta de que esta pode ser alcançada por meio de seus próprios méritos, independentemente de sua posição social, ou seja, independentemente se você é negro ou não você consegue chegar no mesmo lugar que o outro com as mesmas condições, o que não se sustenta até porque não é amplamente alcançável em uma sociedade capitalista por causa de contradições inerentes e existentes nela.

Em seguida temos o depoimento da Acadêmica Hyara Oliveira de Souza Vescovi sobre se o Brasil é um país Racista.

“Parece ridículo, né? Porque maioria da gente é negro, né nós somos maioria, mas infelizmente é o que acontece, né o Brasil é um país racista sim, a desigualdade ainda é muito grande que tá na raiz da nossa história, de todos os nossos problemas sociais, foi uma coisa construída e infelizmente perpassa, continua.” (2018).

Ou seja, a fala da acadêmica condiz com o que acontece cotidianamente na sociedade apesar de que segundo dados da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (PNAD) Contínua, publicada pelo Instituto Brasileiro de Geografia e

Estatística (IBGE), o número de pessoas negras, ou seja, que se autodeclararam pretas e pardas, constitui 56% do total da população brasileira em 2022 (IBGE, 2022b). (ROCHA apud IBGE, 2023)

Depoimento da acadêmica Viviane Gomes

“Na verdade, da sua criação, desde da sua colonização não tem como a pessoa falar que o Brasil não é racista. E é esta uma coisa que está tão assim que foi naturalizado que muitas pessoas falam não, não é racista porque já está acostumado a ver o racismo então a pessoa acaba falando que não é porém está convivendo ali no meio e estão vendo todo dia e nem considera mais porque ficou banalizado ficou natural [...] Quando criança é complicado porque a gente não sabe falar assim tipo ah eu sofri racismo. Porque a criança não sabe identificar, você simplesmente se sente, você chora ali chega na mãe e fala ah mãe aconteceu isso e isso na escola. Nossa, eu tenho um acontecido que nem foi realmente comigo foi com a minha prima E tipo ela tinha sete, oito anos de idade e eu vi uma cena que fiquei assim chocada por ela ela chegou em casa chorando porque realmente um coleguinha falou assim você é preta. E ela falava que não, eu sou parda! Ela falava isso porque ela fez questão de pegar o documento dela e ler a certidão de nascimento que ela era parda e ela chorava falando que na certidão estava parda e todo mundo falava não você é preta, você é preta, você é negra crianças, entendeu? É complicado.” (2018)

Quando se tem a negação de algo esse prevalece, essa realidade é interpretada como decorrência natural assim como a acadêmica Viviane cita acima em seu depoimento, não se consegue enxergar o racismo porque os negacionistas rechaçam políticas de cunho racial, a criação de cotas nas universidades e etc.

Ver relatos como os acima relatados nos faz perceber que devido às constantes anulações que a sociedade tenta impor sobre estes os mesmos se questionam apesar de saberem o que lhe é de direito ou não se aquilo é válido para eles ou não.

Quando questionados o que eles acham sobre as cotas os mesmos partilham de uma mesma linha de pensamento de que a mesma é essencial e que no entanto não é algo simples ou esmola como muitos dizem.

“com as cotas pode-se minimizar um pouco, não que vá solucionar totalmente o problema, o Brasil é um país muito racista, porque eu “vivo” racismo e mesmo que involuntário de muitas pessoas, o fato de você abraçar sua bolsa e atravessar para o outro lado da rua ou fechar o vidro do carro quando estou passando no sinal e isso para mim é racismo e não tem justificativa alguma para se fazer isso até porque eu não tenho como olhar para uma pessoa e dizer o que ela faz de bem ou de mal” (Edilei, 2018).

Todavia, a questão racial é algo que está tão enraizado e naturalizado que ao se falar do assunto já se nota olhares de reprovação e falas como “isso é normal” ou

“deixa de ser mimimi” ou aquela famosa frase “na minha época não tinha esse negócio de racismo não é que essa geração nutella não está acostumada, tudo é motivo de choro”, são falas que permeiam cotidianamente em uma roda de conversa e muitas vezes desistimos de argumentar ou ressaltar o óbvio.

É preciso entender a história por trás desse assunto, e o principal é de desmistificar que os negros se deixaram escravizar, o que não é verdade. Vamos pensar quem em sua consciência se sujeitaria a uma vida repleta de abusos e torturas? portanto os negros não se deixaram escravizar, mas forçadamente coagidos sem ter para onde recorrer já que estavam longe de onde viviam, e tudo por causas políticas, onde a integridade não importava, mas sim o lucro, único e exclusivo de se ter poder e dominação no outro, as justificativas em torno desse assunto ressaltam ainda mais as formas ideológicas de tentarem se isentar dos crimes cometidos.

Não deveria sermos os negros a terem vergonha do que são, e sim dos escravizadores pela forma de produção de lucro que implantaram no Brasil, tornando-se hoje a batalha mais árdua dos povos negros em retomar a vida que antes foi tomada, tendo que reafirmar sua existência dia após dia.

O protagonismo social do povo negro foi a principal razão da abolição da escravidão história essa que muitas vezes são encobertas e menosprezadas. Na maioria das aulas de história nas escolas abordando apenas tópicos mais importantes do que se tem o foco essencial que seria o de desconstruir o racismo, abordando devidamente a temática.

Segundo o Tribunal de Justiça do Distrito Federal e dos Territórios conjuntamente com os especialistas de psicologia desenvolveram uma análise das consequências e do trauma do preconceito em casos de racismo e saúde mental. Principalmente quando se trata de sua autoestima.

O grande número de vítimas que procuram centros de tratamento e acolhimento reflete a realidade da violência contra a população. As consequências comuns desses traumas incluem: insanidade; ansiedade; auto-humilhação; fobia; pressão; frustração e complexo de inferioridade.

Segundo análise levantadas pelos especialistas a história social de homens e mulheres negras no Brasil comprova mais uma vez que o preconceito racial permanece naturalizado desde os tempos coloniais. Nas pesquisas psicológicas sobre o caso do racismo e da saúde mental, a intolerância e o preconceito contra os negros são vistos como uma condição estrutural. Na nossa sociedade, cada pessoa negra é retratada pelos

meios de comunicação como tendo menos inteligência, valores estéticos mais baixos e questões morais mínimas e esse preconceito se enraíza ainda mais quando o estereótipo é colocado em cheque.

O racismo começa na infância, principalmente nos ambientes escolares, onde prevalece o comportamento discriminatório. Durante anos, jovens negros sofreram o mesmo tipo de bullying em outros ambientes, grupos sociais, locais de trabalho e muito mais. Os “padrões” hegemônicos impostos pela sociedade impactam negativamente esses adolescentes, que podem carregar consigo a vergonha internalizada para a vida adulta.

Todos estes fatores têm um profundo impacto mental e de vida nestas vítimas, formando um processo de autoexclusão.

Considerações Finais:

Existe uma necessidade urgente de que as pessoas na sociedade reflitam, identifiquem e reconheçam o seus privilégios na sociedade, pois a realidade de um não equivale a do outro, e isso não é uma tarefa fácil, é preciso desconstruir certas problematizações enraizadas na sociedade, lembrar a sua própria história e compreender as situações em que cada um se destaca independentemente da sua cor, gênero ou etnia.

Não houve e nunca haverá meritocracia em um país que não consegue lidar e muito menos distinguir ser humano para ser humano, e ter que ficar cotidianamente batalhando contra questões antigas é cansativo, pois a sociedade não está disposta a ouvir o outro lado e sem “taxar” de vitimismo ou como muitos falam a “geração nutella” onde acrescenta a velha frase “na minha época não tinha esse negócio de bullying não” é por conta de pensamentos como esse que é preciso falar e desconstruir ideologias errôneas.

São necessárias medidas em todos os níveis da sociedade: desde essas atitudes cotidianas até políticas públicas que aumentem a presença de negros e demais minorias em todas as áreas da sociedade. Deve-se o respeito, educar para desconstruir e reconstruir uma história diferente da que escreveram para nós, investir em políticas públicas torna-se algo extremamente necessário para que assim promovam a inclusão e a igualdade racial, aumentando a consciência pública sobre a importância da diversidade combatendo mesmo que aos poucos a desigualdade racial.

REFERÊNCIAS:

TRIBUNAL DE JUSTIÇA DO DISTRITO FEDERAL E DOS TERRITÓRIOS. **Lei do Racismo.** Disponível em:

<<https://www.tjdft.jus.br/institucional/imprensa/campanhas-e-produtos/direito-facil/edic-ao-semanal/lei-do-racismo>> Acesso em 16 jun. 2022.

TRIBUNAL DE JUSTIÇA DO DISTRITO FEDERAL E DOS TERRITÓRIOS. **Injúria Racial x Racismo.** Disponível em:

<<https://www.tjdft.jus.br/institucional/imprensa/campanhas-e-produtos/direito-facil/edic-ao-semanal/injuria-racial-x-racismo>> Acesso em 16 jun. 2022.

ALMEIDA, s. **Racismo Estrutural.** São Paulo: Pólen, 2019. 264 p. ISBN 978-85-98349-75-6

EL PAIS. **Torcedor joga banana em campo durante jogo da Champions na Rússia.** 2016. Disponível em:

<https://brasil.elpais.com/brasil/2016/09/29/deportes/1475156382_052344.html> Acesso em 02 abr. 2022

CNN BRASIL. **Impunidade em ataques racistas contra Vini Jr. gera discussão na Espanha: “Estão lavando as mãos”.** 2023. Disponível em: <

<https://www.cnnbrasil.com.br/esporte/impunidade-em-ataques-racistas-contra-vini-jr-gera-discussao-na-espanha-estao-lavando-as-maos/>> Acesso em 15 mar. 2023

FREIRE, Sabrina. **81% veem racismo no Brasil, mas só 34% admitem preconceito contra negros.** Poder 360, 2020. Disponível em: <

<https://www.poder360.com.br/brasil/81-veem-racismo-no-brasil-mas-so-34-admitem-pr-econceito-contra-negros/>>. Acesso em: 02 abr. 2022.

CNN BRASIL. **Aluno entrega esponja de aço para professora negra no DF.** 2023. Disponível em: <

<https://www.cnnbrasil.com.br/nacional/aluno-entrega-esponja-de-aco-para-professora-negra-no-df/>> Acessado em 17 mar. 2023

VIDA, Pró. **Racismo e saúde emocional: como o trauma afeta as vítimas(Psicologia, racismo e saúde mental).** Tribunal de Justiça do Distrito Federal e dos Territórios, 2020. Disponível em:

<<https://www.tjdft.jus.br/informacoes/programas-projetos-e-aco/es/pro-vida/dicas-de-saude/pilulas-de-saude/racismo-e-saude-emocional-como-o-trauma-afeta-as-vitimas>>.

Acesso em: 25 Out. 2023.

SOARES, Elza. **A carne.** YouTube. 2002. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=yktrUMoc1Xw>>. Acesso em: 25 Out. 2023.

ALMEIDA, Silvio Luiz de O. **O que é racismo Estrutural?** Belo Horizonte, Letramento. 2018.

ROCHA, Roseli da Fonseca. **Especial O Ministério da Saúde e o PNI | A cor da desigualdade: a Política de Saúde da População Negra.** Fiocruz, 2023. Disponível

em:

<[17](https://www.coc.fiocruz.br/index.php/pt/todas-as-noticias/2478-especial-o-ministerio-da-saude-e-o-pni-a-cor-da-desigualdade-a-politica-de-saude-integral-da-populacao-negra.html#:~:text=Segundo%20dados%20da%20Pesquisa%20Nacional,2022%20(IBGE%2C%202022b).> Acesso em: 20 Dez. 2023.</p></div><div data-bbox=)